



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

MARIA DAS MERCÊS PALMIER LEAL

ALTAS HABILIDADES NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL:
um estudo sobre o olhar dos professores

Dissertação submetida a Universidade Federal Fluminense visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadoras: Dra. Lúcia de Mello e Souza Lehmann
Dra. Cristina Maria Carvalho Delou



NITERÓI

2018

MARIA DAS MERCÊS PALMIER LEAL

**ALTAS HABILIDADES NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL:**

um estudo sobre o olhar dos professores

Trabalho desenvolvido no Projeto de Extensão Escola de Inclusão e no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense

Dissertação submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial, visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Orientadora: Dra. Lúcia de Mello e Souza Lehmann
Co-orientadora: Dra. Cristina Maria Carvalho Delou

L 435 Leal , Maria das Mercês Palmier

Altas habilidades nos anos iniciais do ensino fundamental : um estudo sobre o olhar dos professores./ Maria das Mercês Palmier Leal.- Niterói : [s.n.], 2018.

57 f.

Mestrado – (Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, 2018.

1. Educação especial. 2. Ensino médio. 3. Ensino de Biologia. 4. Corpo docente. 5. Processo de ensino – aprendizagem. 6. Formação de professores. I. Título.

CDD. : 371.9

MARIA DAS MERCÊS PALMIER LEAL

**ALTAS HABILIDADES NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL:
um estudo sobre o olhar dos professores**

Dissertação submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lucia de Mello e Souza Lehmann – CMPDI/UFF (Presidente-Orientador)

Prof.^a Dr.^a Alice Akemi Yamasaki – CMPDI/UFF

Prof.^a Dr.^a Cristina Lucia Maia Coelho – CMPDI/UFF

Prof.^a Dr.^a Angelina Accetta Rojas – UNILASALLE

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria Carvalho Delou (Co-orientadora)- CMPDI/UFF

Prof.^a Dr. Sérgio Crespo Coelho da Silva Pinto – CMPDI/UFF (Suplente / Revisor)

A todos que estiveram ao meu lado de
forma direta ou indireta apoiando e
possibilitando este estudo.
Especialmente meus pais, marido, filhos
e amigos.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças a colaboração de muitas pessoas.

Agradeço a todos e de forma especial:

às diretoras das escolas onde trabalho Fátima Cristina da Silva Correa e Luciana Khun Nogueira, Cíntia Aparecida Quadra da Rocha Oliveira e Daniella Cássia Amorim Ferreira de Barros

à supervisora Márcia Josiane

ao corpo docente das escolas onde trabalho,

aos professores do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

aos colegas da turma de 2016

à UFF / CMPDI

à Escola de Inclusão

à orientadora Professora Dra. Lúcia de Mello e Souza Lehmann

à co-orientadora Professora Dra. Cristina Maria Carvalho Delou, que com sua sabedoria conseguiu me conduzir até o final desta jornada acadêmica.

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos.....	VIII
Lista de ilustrações	IX
Resumo	X
Abstract	XI
1. Introdução	1
1.1 Memorial.....	1
1.2 A formação e os saberes dos professores em tempo de mudanças.....	2
1.3 Altas Habilidades/Superdotação: conceitos e políticas públicas.....	8
1.4 Altas Habilidades /Superdotação nas séries iniciais.....	18
2.Objetivos	23
2.1 Objetivo geral	23
2.2 Objetivos específicos	23
3.Material e Métodos	24
3.1 Campo e sujeitos.....	24
3.2 Método.....	25
3.3 Material.....	26
4.Resultados e Discussão	27
4.1 Como se caracterizam os professores. pesquisados.....	27
4.2 Como os professores veem as AH/SD.....	28
4.3 Campanha de divulgação do tema AH/SD para professores.....	35
5. Considerações Finais	37
5.1 Conclusão	37
5.2 Perspectivas	38
6.Referências Bibliográficas.....	39
7. Apêndices.....	46
7.1 Apêndice A Questionário.....	46
7.2 Apêndice B Produtos Campanha de divulgação de AH/SD para professores...	51
7.3. Apêndice C PowerPoint (PPT) animado e Blog.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

AH – Altas Habilidades

AH/SD – Altas Habilidades ou Superdotação Paulista para Altas Habilidades/Superdotação

APAHSO – Associação Paulista para Altas Habilidades/Superdotação

CMPDI – Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

CNE – Conselho Nacional de Educação

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

LDBN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa

PPT - PowerPoint

QI – Quociente de Inteligência

UFF – Universidade Federal Fluminense

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1: Teoria dos Três Anéis.....	10
Figura 2: Idade dos professores.....	27
Figura 3: Tempo de trabalho como professor.....	28
Figura 4: Grau de escolaridade.....	28
Figura 5: O que pertence à Educação Especial	29
Figura 6: Sobre as altas habilidades.....	29
Figura 7: Alunos com altas habilidades em sala.....	30
Figura 8: Quantidade de alunos com altas habilidades que trabalhou.....	30
Figura 9: Como foram identificados.....	31
Figura 10: Houve encaminhamento	31
Figura 11: Como foi encaminhado.....	31
Figura 12: Características observadas.....	32
Figura 13: Respostas dadas à pergunta aberta nº9.....	32
Figura 14: Nuvem de palavras das respostas dadas à pergunta aberta nº9...	33
Figura 15: Respostas dadas à pergunta aberta nº 10.....	33
Figura 16: Nuvem de palavras das respostas dadas à pergunta aberta nº10.....	34
Figura 17: Respostas dadas à pergunta aberta nº11	34
Figura 18: Nuvem de palavras das respostas dadas à pergunta aberta nº11....	35

RESUMO

Baseado em que, “estudos estatístico indicam que aproximadamente 3 a 5% da população apresentam potencial acima da média estimada, em diversos contextos sociais” (ARANHA, 2005, p.19) cabe, então, investigar porque em escolas da rede pública de Niterói, que atendem aos anos iniciais do ensino fundamental, estes alunos não são identificados, não são vistos ou notados, pois certamente lá estão e sempre estiveram. Esta é a questão que deu origem a pesquisa aqui apresentada. Se alunos com altas habilidades existem, é preciso que se saiba onde estão e porque não aparecem, porque os professores não os veem. Tendo como objeto de estudo o professor e o seu olhar, a pesquisa conta com um questionário que investiga o perfil do educador e o seu conhecimento sobre altas habilidades/superdotação. Ao mesmo tempo é preciso saber como se forma este olhar do professor, que conhecimentos adquire em sua formação. A análise dos resultados obtidos dá origem a uma Campanha de Divulgação sobre Altas Habilidades/Superdotação dirigida aos professores, despertando o interesse para este tema e consequentemente desvendando seus olhares para seus alunos superdotados.

Palavras-chaves: Professores, formação, saberes, alunos, campanha de divulgação.

ABSTRACT

Based on, "statistical studies indicate that approximately 3 to 5% of the population present potential above the estimated average in different social contexts" (ARANHA, 2005, p.19), it is then valid to investigate why in the public schools of Niterói for the initial years of elementary education, these students are not identified, are not seen or noticed, because they certainly are there and always have been. This is the question that inspired the research presented here. If students with high ability exist, we must know where they are and why they do not show up, why teachers do not see them. Having as object of study the teacher and their view, the research has a questionnaire that investigates the profile of the educator and their knowledge about high ability / giftedness. At the same time it is necessary to know how this teacher's view is formed, what knowledge they acquired during their education. The analysis of the obtained results based a Campaign for Disclosure on High Abilities / Giftedness directed to the teachers, increasing the interest on this subject and consequently improving their perception to gifted students.

Keywords: Teacher, training, knowledge, students, advertising campaign.

1. INTRODUÇÃO

1.1. MEMORIAL

Em muitos anos de trabalho como professora regente da rede estadual do Rio de Janeiro e da rede municipal de Niterói, tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pouco ou nada ouvi falar, ou vi, a respeito de superdotação ou altas habilidades.

No entanto, a pouco tempo chegou em minha classe de primeiro ano uma aluna de seis anos que além de ler fluentemente com compreensão e escrever textos já com estrutura, tinha uma postura diferente das outras crianças. Apresentava reflexões e opiniões sobre assuntos familiares e escolares, assim como dava ideias de como os colegas poderiam aprender melhor, embora tivesse um pouco de impaciência com as dificuldades suas e de seus pares.

Esta aluna me despertou a curiosidade de saber o que estava se passando e como deveria trabalhar com ela, pois obviamente os métodos e técnicas por mim conhecidos não davam conta de atender as necessidades desta criança.

Comecei a buscar literaturas que pudessem me auxiliar e ajuda de colegas, pois, em um curso de AEE (Atendimento Educacional Especializado) havia ouvido uma palestra sobre altas habilidades e superdotação. Curiosamente, somente uma colega sabia do que se tratava.

Tudo isto me impulsionou a começar este estudo sobre o assunto. Não só a grande dificuldade que tive inicialmente em lidar com as necessidades de minha aluna, mas principalmente o desconhecimento, ou a percepção do pouco ou nada que nós, enquanto professores conhecemos sobre o tema.

1.2 A FORMAÇÃO E OS SABERES DOS PROFESSORES EM TEMPO DE MUDANÇAS

Para estudar o olhar dos professores em relação ao aluno superdotado é preciso, em princípio, entender a formação deste profissional.

Segundo a pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Dra. Bernadete Gatti (2014), a formação de professores “não está atendendo à necessidade atual da escola”. Em parte, porque as crianças que estão na escola hoje não são como as crianças no passado, pois atualmente vêm de ambientes altamente estimulados pelas mídias, e a escola se mantém como era. Questões de tradição cultural, também interferem, pois, a maneira como se institucionalizaram os cursos formadores de professores se mantém até nossos dias.

Historicamente, as Escolas Normais formavam os professores primários, em pequena escala, pois a escola não era para todos. No entanto, havia uma carência de professores para o ensino secundário. Nos anos 1930, a escola básica começa a ser ampliada e se descobre que não há professores formados para atender a esta demanda. Os cursos de bacharelado, então, acrescentam um ano de disciplinas de educação e passam a formar professores para este segmento.

[...] esse formato está até hoje na representação das universidades e faculdades que formam professores. Ou seja, você segmenta valoriza o conhecimento formal da disciplina da área e dá uma tintura leve de educação, que não é suficiente, hoje, para o professor atuar com as crianças, os adolescentes e os jovens. (GATTI, 2014, p.252).

O curso de Pedagogia, que formava o pedagogo, para ser administrador, supervisor, orientador, pessoas que trabalhavam mais como técnicos e gestores na Educação, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), passa a assumir a formação do professor de ensino básico também. Os professores que já atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil, formados pelas Escolas Normais de nível médio, têm um prazo para obter a graduação e continuar a trabalhar neste setor. Como não houve uma orientação do Ministério da Educação para esta transição, o que se viu foram os cursos de Pedagogia tentando se adequar à nova função de formar professores para o ensino básico, e Cursos Normais sendo fechados rapidamente. (VIANA, 2009; MARTINS, DUARTE, 2010)

As faculdades de Pedagogia abriram muitas vagas, principalmente as particulares, adequando seus currículos, cada uma à sua maneira, para a formação destes profissionais, no entanto, não conseguiram se apropriar do conteúdo das Escolas Normais, que davam os fundamentos e a prática para o trabalho na escola.

A academia se preocupa em formar intelectuais reflexivos, mas não se preocupa em vincular as teorias com a prática nas escolas. O que temos, então, são professores teoricamente considerados aptos, com certificação universitária, a estarem em sala de aula.

As dificuldades de ser professor na educação básica aparecem nos estudos com professores iniciantes, que são estudos muito recentes no Brasil. Verifica-se que este professor atua por tentativa e erro, passa por depressões, ansiedades, busca apoio, e mesmo assim demora três, quatro anos até ele se encontrar. Ele não tem repertório para enfrentar uma situação de trabalho de imediato e apreender e selecionar saberes pela experiência tão logo inicia sua atuação. Leva um tempo... (GATTI, 2014, p. 260).

O estudo de didática e prática de ensino foram abandonados por questões ideológicas, pois equivocadamente foram confundidas as questões metodológicas com tecnicismo mecânico. “Não podemos confundir métodos de trabalho, perspectivas pedagógicas de ensino com mecanicismo!” (GATTI, 2014)

Na verdade, não existe um comprometimento das políticas públicas com a qualidade dos cursos de formação de professores. (BAUER; CASSETTARI; OLIVEIRA, 2017). Para o ingresso na faculdade é exigida a menor pontuação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), os cursos se expandem num modelo de baixa qualidade, pois não há incentivos mais exigentes para o contrário. A busca pela alta qualidade das universidades federais não é significativa, pois estas são responsáveis por um pequeno número de professores em comparação aos cursos particulares, que formam 80% destes profissionais. (SOARES; CUNHA, 2010).

Outra questão que se percebe é a ideia equivocada de que a formação de professores é algo simples, que ser professor é simples, que a prática do trabalho é algo menor e que pode ser feita de qualquer jeito. A antiga concepção de que “quem sabe, sabe ensinar”, que qualquer um pode dar aula, não se sustenta mais nos dias de hoje. Como afirma GATTI (2014) “As universidades e as faculdades são devedoras, sim, dos professores que atuam na educação básica.”

Poucas são as Faculdades que têm convênio com escolas onde se possa fazer as 400 horas de estágio (previsto na lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio), exigidas no curso de Pedagogia. Em geral, o aluno deve procurar por si mesmo onde e como cumprir suas horas de estágio, que não é supervisionado, muitas vezes, nem acompanhado pelos professores, e estas horas acabam não sendo cumpridas como deveriam.

Quanto às políticas públicas a dificuldade é a mesma de vários outros setores: as gestões não dão continuidade aos trabalhos que vinham sendo desenvolvidos e quando troca a gestão, troca tudo. Em geral, não é feita uma avaliação do que vinha sendo feito, e surge alguém com a “solução mágica”, que abandona tudo o que foi feito até então, para implementar algo novo.

Há investimento em formação continuada, formação em serviço, especializações, mas o que se faz na maior parte do tempo é tentar preencher as lacunas deixadas pela formação inicial, como por exemplo, no caso da alfabetização. Os alunos saem despreparados para trabalhar com alfabetização, então são criados programas como o PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa), tentando corrigir a questão problemática no país que tem “uma em cada cinco crianças de 8 anos que não lê”.

Outra questão que se coloca é que geralmente os professores responsáveis pela formação dos professores de educação básica não sabem ensinar como dar aula.

Hoje, em função dos graves problemas que enfrentamos no que respeita às aprendizagens escolares em nossa sociedade, a qual se complexifica a cada dia, avoluma-se a preocupação com as licenciaturas, seja quanto às estruturas institucionais que as abrigam, seja quanto aos seus currículos e conteúdos formativos. Deve ser claro para todos que essa preocupação não quer dizer reputar apenas ao professor e à sua formação a responsabilidade sobre o desempenho atual das redes de ensino. Múltiplos fatores convergem para isso: as políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica, aspectos das culturas nacional, regionais e locais, hábitos estruturados, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, formação dos gestores, as condições sociais e de escolarização de pais e mães de alunos das camadas populacionais menos favorecidas (os “sem voz”) e, também, a condição do professorado: sua formação inicial e continuada, os planos de carreira e salário dos docentes

da educação básica, as condições de trabalho nas escolas.(GATTI, 2010, p. 1359)

Segundo Tardif (2000) há um movimento, praticamente internacional, em busca de uma profissionalização do ensino e a formação para o ensino. Para esta profissionalização é necessário se identificar os saberes profissionais dos professores, que eles usam no seu trabalho. Em que e como estes saberes se distinguem dos conhecimentos universitários, e qual a relação deveria haver entre os dois. “O movimento de profissionalização busca renovar os fundamentos epistemológicos do ofício de professor”. A epistemologia da prática profissional é o centro da questão da profissionalização em Educação.

A finalidade de uma epistemologia da prática profissional é revelar esses saberes, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades de trabalho. Ela também visa a compreender a natureza desses saberes, assim como o papel que desempenham tanto no processo de trabalho docente quanto em relação à identidade profissional dos professores. (TARDIF, 2000, p.11)

Nesta perspectiva, a organização dos saberes profissionais são: temporais, plurais e heterogêneos, personalizados e situados, e que carregam consigo as marcas do ser humano. (TARDIF, 2000)

Os saberes são adquiridos através do tempo, portanto temporais, em três sentidos, a saber: o que os professores sabem sobre como ensinar em primeiro lugar provém de sua própria experiência enquanto aluno, essas crenças são permanentes e estáveis, e ao se depararem com os problemas na vida profissional estas são as primeiras a serem reativadas para solucionar as questões. Também são considerados saberes temporais, porque nos primeiros anos de prática, há a aquisição de competências a partir das rotinas de trabalho. É um

saber experiencial, que transforma muito cedo em certezas profissionais, em truques do ofício, em rotinas, em modelos de gestão da classe e de transmissão da matéria (Feinman Nemser, 1983; Huberman *et al.*,1989; Ryan *et al.*,1980; Zeichner e Gore, 1990; Zeichner e Hoeft,1996). (TARDIF, 2000, p.14)

E finalmente são temporais porque são utilizados e se desenvolvem durante a vida profissional.

Os saberes são plurais e heterogêneos, também em três sentidos. O professor se utiliza de vários conhecimentos tanto formais quanto informais, ele se utiliza de sua cultura pessoal, cultura escolar anterior, conhecimentos didáticos, pedagógicos, curriculares. Num segundo sentido são variados e heterogêneos, pois não formam um repertório unificado, os professores se utilizam de vários métodos e técnicas, seu repertório não é único e por vezes pode parecer contraditório, pois isso acontece na tentativa de atingir vários objetivos ao mesmo tempo. No terceiro sentido, os saberes em sala de aula exigem uma variedade de habilidades e competências. O professor deve ao mesmo tempo manter o grupo motivado, concentrado na tarefa, deve ser capaz de dar explicações, organizar e acompanhar as tarefas, etc. Esses saberes são pragmáticos, estão relacionados com a ação e são usados de acordo com a necessidade e utilidade.

Os saberes profissionais são personalizados e situados. O professor é um “ator social” e seus pensamentos carregam as marcas dos contextos nos quais estão inseridos. Seus saberes são apropriados, incorporados, subjetivados, próprio de cada um, pois vêm de sua experiência e vivência no trabalho. E são situados, pois “são construídos e utilizados em função de uma situação de trabalho particular”. (TARDIF, 2000)

Os saberes dos professores carregam a marca do ser humano, pois seu objeto de trabalho são seres humanos, e embora trabalhe com grupos de alunos, o objetivo é atingir o indivíduo, portanto a individualidade está no centro do trabalho dos professores. Isto traz também consequências éticas e de sensibilidade, pois o professor deve ser sensível às diferenças individuais para que não faça generalizações excessivas. Questões éticas como de abuso, negligência ou indiferença são problemas que precisam ser considerados na prática profissional do professor, pois os estudantes devem ser levados a cooperar no processo de aprendizagem, ninguém pode ser obrigado a aprender, é uma relação emocional e social, na qual precisa haver interação humana.

De maneira geral os cursos para o magistério, segundo Tardif, são idealizados num modelo aplicacionista, no qual os alunos durante alguns anos estudam disciplinas supostamente necessárias ao conhecimento do professor, têm um

estágio em que deveriam aplicar o que estudaram, e ao término do curso começam a trabalhar sozinhos, e vão descobrir que aqueles conhecimentos, na maioria das vezes, não se aplicam na prática.

Algumas mudanças precisam ser tentadas para que a formação inicial do professor atenda mais e melhor à profissionalização do mesmo. Os cursos de formação precisam ser repensados, assim como a própria prática de ensino dos professores universitários, formadores destes professores.

Não problematizada, nossa própria relação com os saberes adquire, com o passar do tempo, a opacidade de um véu que turva nossa visão e restringe nossas capacidades de reação. (TARDIF, 2000, p.21)

O que temos hoje são professores chegando muito despreparados nas salas de aula, até para dar aula, quanto mais para identificar AH/SD, que muitas das vezes nem é um assunto falado nos seus cursos formadores, quanto mais estudado.

A legislação brasileira prevê que alunos com altas habilidades e superdotação sejam identificados e atendidos, como informa Souza e Delou, “a lei nº 13.234, de 29 de dezembro de 2015, altera a Lei de Diretrizes e Bases, instituindo a obrigatoriedade da identificação, cadastro e atendimento de alunos com altas habilidades ou superdotação, seja na educação básica ou na superior, reforçando o que já dizia em seu artigo 4: [...]” (2016), no entanto, os professores precisam estar preparados para reconhecê-los, para que possam cumprir as determinações da lei, pois a existência da lei não garante seu efetivo cumprimento.

“Sabemos que o tema altas habilidades/superdotação é ainda pouco discutido em nossas universidades, o que produz uma lacuna na formação dos professores. Muitos saem dos seus cursos sem terem a oportunidade de conhecer esta área tão importante do desenvolvimento da criança.” (VIRGOLIM, 2007, p.10)

1.3 ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO: CONCEITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

O termo altas habilidades é definido em lei.

Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade. (BRASIL, 2009)

Os termos altas habilidades/superdotação e termos afins ainda suscitam debates e dúvidas em torno de suas definições. Como esclarece Delou (2011), os termos superdotado e superdotação estão historicamente relacionados, no contexto latino, ao significado das palavras de origem. Dotado era quem possuía dote, bens que a mulher levava no casamento. A palavra talento, cuja ideia se forma no contexto grego, tem seu correspondente latino na moeda romana talento, quem tinha talento seria talentoso. Aos poucos dote e talento passam a ter significados relacionados à inteligência humana.

Para explicar a origem do conhecimento, os debates giram em torno do que é inato e adquirido, ou inato e cultural, e assim os termos dote e talento ganham definições relacionadas a isto. “A ideia de talento mostrou-se mais ampla que a ideia do dote, pois enquanto a ideia do dote só incluía o dom natural, na concepção de talento, estavam incluídas as concepções do dom natural ou aptidão natural e a da habilidade adquirida, que é o resultado do exercício da prática.” (DELOU, 2011, p.65)

O termo altas habilidades tem sua origem na fundação de uma organização europeia internacional, que reuniu na década de 80 “pesquisadores, professores, administradores escolares e os pais preocupados com a superdotação, o talento e a alta capacidade.” (DELOU, 2011, p.67)

No Brasil, o termo é usado pela primeira vez em 1994, pelo Ministério da Educação, no texto da Política Nacional de Educação Especial. Atualmente, os termos altas habilidades/superdotação são usados como equivalentes em documentos legais. “Ou seja, os alunos com altas habilidades/superdotação

passaram a ser identificados por uma categoria sinônima, já que as duas categorias foram interligadas pela barra (/) que significa alternância de significado.” (DELOU, 2011, p.70)

Os conceitos de AH/SD estão relacionados com as teorias da inteligência, por conseguinte, também relacionados com os testes de inteligência. A inteligência sempre foi desejada, enquanto característica do ser humano pelas sociedades, no entanto, ligada aos mais variados atributos, dependendo da época e do cenário.

Num breve retrospecto da história da psicometria, segundo Gardner (2001) “no final do século XIX, Francis Galton, um dos fundadores da avaliação psicológica moderna, achava que a inteligência era uma característica familiar”, e assim direcionou seu trabalho na busca de filhos de pessoas que exerciam liderança na sociedade britânica, porém não se deteve aí. Galton, em 1870, começou a elaborar testes de inteligência mais formais, que tinham como finalidade medir a inteligência. Não conseguiu seu intento, confirmar suas hipóteses, mas seu pensamento estava na direção certa.

No início do século XX, Binet e Simon foram procurados pelo ministro da Educação francês “para ajudar a prever quais crianças que corriam o risco de fracassar na escola”. (GARDNER, 2001)

Em 1905, Binet e Simon iniciam seus trabalhos buscando identificar as causas do fracasso escolar das crianças francesas; para tanto elaboraram escalas, que posteriormente foram modificadas por Henry Goddard, nos Estados Unidos, surgindo dessa forma os primeiros testes de inteligência, em 1911.” (BRANCHER, 2011, p.16)

Em 1912, Wilhelm Stern, psicólogo alemão, propôs o “quociente de inteligência”, conhecido como QI, que é a razão entre a idade mental e a idade cronológica do sujeito, expressa em um número multiplicado por 100, criando assim uma medida de inteligência.

A Escala de Inteligência Stanford criada por Terman, a partir dos instrumentos criados por Binet e Simon, serve para que ele identifique “1528 crianças superdotadas, com QI superior a 140”, entre 1925 e 1959.

Vários outros testes de inteligência vão sendo desenvolvidos neste período, com as mais diversas finalidades, construindo assim o conceito de inteligência, e na sequência os conceitos de AH/SD.

No final da década de 60, Renzulli inicia seus estudos com AH/SD, para em 1978 publicar a Concepção da Superdotação dos Três Anéis.

Na concepção dos três anéis de superdotação produtiva-criativa são definidos comportamentos superdotados e não indivíduos superdotados. Nesta concepção três características dos seres humanos devem estar presentes – capacidade acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. “Os indivíduos capazes de desenvolver comportamento superdotado são aqueles que possuem ou são capazes de desenvolver esse conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano.” (RENZULLI, 2014)



Figura 1 – Teoria dos Três Anéis (RENZULLI, 1986, apud VIRGOLIM, 2007)

Renzulli (2014) considera que “a superdotação não é um conceito unitário. Existem várias manifestações de dons e talentos e, desta forma, definições simples não podem explicar adequadamente este fenômeno multifacetado.”

Cria, então, um Modelo de Enriquecimento para toda a Escola para ser utilizado academicamente com os superdotados e talentosos, e com todos da escola interessados em desenvolver talentos.

Medir e definir inteligência é uma busca antiga da humanidade. A definição moderna de inteligência, então, tem origem nos testes, que a princípio são criados para identificar as deficiências. Na medida em que vão ocorrendo mudanças científicas e tecnológicas os desejos e necessidades também vão mudando, como coloca Gardner (2001), é tempo de mudança para um “modo diferente e melhor de conceituar o intelecto humano.” Ele considera que “os seres humanos têm um leque de capacidades e potenciais – inteligências múltiplas – que, tanto individualmente quanto em conjunto, podem ser usados de muitas formas produtivas.”

Nesta perspectiva, Gardner conceituou inteligência como “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura” e assim pluralizou o termo inteligência, abrangendo muitas capacidades.

Originalmente propôs sete inteligências humanas distintas: linguística, lógico-matemática, musical, físico-cinestésica, espacial, interpessoal e intrapessoal. As duas primeiras são as mais frequentemente valorizadas na escola. A inteligência linguística “envolve sensibilidade para a língua falada e escrita, a habilidade de aprender línguas e a capacidade de usar a língua para atingir certos objetivos. Os advogados, os locutores, os escritores e os poetas estão entre as pessoas de inteligência linguística elevada” (GARDNER, 2001, p. 56)

A inteligência lógico-matemática envolve a capacidade de resolver problemas usando a lógica, contas matemáticas e pensamento investigador científico.

A inteligência musical envolve a capacidade de apreciação, composição e atuação. A inteligência físico-cinestésica compreende habilidade com o corpo, tanto de solução de problemas quanto de fabricação de produtos. Exemplos de profissionais que se utilizam em primeiro plano desta inteligência: dançarinos, atores, atletas, artesãos, cirurgiões, cientistas, mecânicos e vários outros de orientação técnica.

A inteligência espacial sobressai nos navegadores e pilotos, em arquitetos, escritores e artistas gráficos, jogadores de xadrez, entre outros.

A inteligência interpessoal é mais evidente em vendedores, professores, clínicos, líderes religiosos ou políticos, atores, pois envolve a capacidade de se relacionar com o outro entendendo suas intenções, motivações e desejos.

A inteligência intrapessoal envolve a capacidade de se conhecer, incluindo medos, desejos e capacidades e usar estas informações para regular a própria vida.

Posteriormente, Gardner acrescentou a inteligência naturalista as já descritas. O naturalista tem um vasto conhecimento sobre o mundo vivo, seja flora ou fauna, grande habilidade para classificar espécies. O biólogo, por exemplo, tem uma inteligência naturalista bastante desenvolvida.

Gardner faz então duas afirmações importantes sobre esta teoria: cada ser humano é “equipado” com este conjunto de inteligências, combinadas e mobilizadas de acordo com as inclinações de cada um, portanto cada ser terá sua “mistura singular” de inteligências, que são totalmente amorais. Não são boas nem ruins, tanto podem ser usadas para o bem quanto para o mal, podem ser usadas para construir ou destruir.

Ainda outros autores definiram inteligência, e como este é um conceito fundamental para a compreensão das AH/SD, é natural que se tenha também várias conceituações para estes termos.

Inevitável que novos conceitos fossem emitidos. Sem encontrar consenso em relação aos termos a serem utilizados, variações conceituais foram apresentadas para os seguintes termos: superdotados, bem-dotados, altas habilidades/superdotação, mais capazes, capazes e talentosos. (DELOU, 2012 p.133)

No Brasil, Helena Antipoff, psicóloga e educadora russa, em 1929 inicia seu trabalho no Estado de Minas Gerais a convite do governo, onde funda a Sociedade Pestalozzi. Ela cria um conceito para o termo “excepcional”: “O excepcional seria aquela pessoa que apresentasse diferenças físicas, sociais ou de desenvolvimento cognitivo, com resultados escolares acima ou abaixo da média de seu grupo,

incluindo-se aí os indivíduos infra e os superdotados intelectualmente” (DOMINGUES, 2011). Em 1938, no Relatório Geral da Sociedade Pestalozzi ela “destaca oito casos de supernormais”, os quais ela nomeia bem-dotados. (ANTIPOFF, 1992)

Na década de 30 é publicado o livro “A educação dos super-normaes” de Leoni Kaseff, assistente técnico da Universidade do Rio de Janeiro e professor catedrático do Liceu Nilo Peçanha, localizado em Niterói, considerada a primeira obra brasileira que trata do tema superdotação.

Em 1933, o professor da Escola Normal de Pernambuco, Estevão Pinto publica o livro “O problema da educação dos bem-dotados”.

Conceituar AH/SD é também definir as características para que se possa identificar os sujeitos, não com intuito de rotulá-los, mas principalmente para estabelecer oportunidades no processo de aprendizagem.

Entretanto, há um elenco de características consideradas universalmente, tais como: curiosidade e vivacidade mental, motivação interna, persistência na área do seu talento, facilidade de compreensão e percepção da realidade, capacidade de resolver problemas, energia, senso de humor, habilidade em assumir riscos, sensibilidade, pensamento original e divergente, conduta criativa. (ARANHA, 2005 p. 34)

No entanto, a divergência em relação à terminologia é menos importante do que a tentativa de minimizar as restrições educativas as quais estes alunos estão sujeitos.

Segundo Delou (2012) “o estudo das políticas públicas para alunos com altas habilidades/superdotação no Brasil mostra que, desde 1924, foram realizadas ações voltadas para a identificação destes alunos e seu posterior atendimento educacional.” Com a Reforma do Ensino Primário, Profissional e Normal em 1929 uma lei estadual previu atendimento educacional para supernormais.

Somente em 1961, uma lei federal (Lei 4.024 – artigos 88 e 89) faz menção à educação dos excepcionais, palavra usada inicialmente por Helena Antipoff. Desde então, se expande o tratamento de reabilitação por instituições especializadas, e o

governo federal dá início ao atendimento educacional dos excepcionais, em âmbito nacional. Em 1967, são estabelecidos critérios de identificação e atendimento dos superdotados. (DELOU, 2012)

Embora o assunto já fosse discutido nos meios acadêmicos e mencionado em algumas legislações, altas habilidades ganham menção direta nas políticas públicas brasileiras a partir dos anos 1970, através da LDBN e do Conselho Federal de Educação. (BAPTISTA, 2016)

Em 1971, a Lei nº 5692, fixa diretrizes e bases para a educação de 1º e 2º graus traz no seu artigo nono a garantia de atendimento especial ao aluno superdotado. “Art. 9º Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação” (BRASIL, 1971)

Na tentativa de se solucionar as questões que envolvem o atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, entre eles os superdotados, vão sendo criadas leis, que se sobrepõe, mas não resolvem.

Não basta criar leis: é necessário que os governantes estimulem e criem condições estruturais aos profissionais para o trabalho a ser realizado não só em sala de recursos, mas também nas salas regulares e em todo âmbito escolar. (BORBA, 2016, p.29)

Em 1988, a Constituição Federal em seu artigo 205 estabelece Educação como direito de todos, assim como igualdade de condições de acesso e permanência na escola.

Em 1994, a portaria nº 1.793 do MEC (Ministério da Educação) recomenda a inclusão nos currículos da formação de docentes de conteúdos relativos à integração das pessoas “portadoras” de necessidades especiais.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9.394 define Educação Especial, e garante o atendimento em classes regulares deste público até então alijado do processo educacional ou restrito às escolas

especializadas. Define também a atuação destas instituições privadas sem fins lucrativos com atendimento exclusivo.

Em 2001, pareceres e resoluções (CNE - Conselho Nacional de Educação) instituem as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, garantindo matrícula para todos, devendo as escolas se organizarem para atender aos educandos com necessidades educacionais especiais, estabelecendo uma educação inclusiva, sugerindo além da permanência física, a revisão de concepções e paradigmas.

E assim, várias normatizações são feitas na tentativa de atender e garantir da melhor forma possível a permanência e a inclusão da pessoa com necessidades educacionais especiais. Porém, a escola se mostra muito resistente. Os profissionais alegam não estarem preparados para trabalhar com deficientes.

Além disso, muitos dos professores não estudaram com pessoas especiais, não fazendo ideia de como lidar com a deficiência. “São passados 24 anos desde que se instituiu o direito de educação para todos, literalmente.” (DELOU, 2014, p.21) Quando este direito passa a ser exercido “a formação de professores não se apropria deste movimento imediatamente”, as mudanças nas escolas costumam a acontecer devido, também, às fortes resistências.

Esta garantia de direito de matrícula para todos na escola, cria uma demanda. Esta instituição passa, então, a se ocupar também dos alunos com necessidades especiais. A Educação Especial se volta para o maior desafio neste momento, que a princípio é receber, mas em breve tempo precisa incluir, o aluno com deficiências, que sempre esteve alijado do processo e da escola. O estranhamento e a resistência por parte dos professores exigem dedicação e tempo.

Mas, e os alunos com altas habilidades/superdotação? Estão legalmente definidos e têm seu atendimento garantido desde 2009. Mesmo assim continuam sem serem percebidos pelos professores. Ao contrário dos deficientes, eles sempre estiveram presentes nas escolas, sem serem notados. Com o atendimento aos deficientes, os alunos com altas habilidades/superdotação se tornam invisíveis.

Embora sempre na escola, a maneira de vê-los, e como se comportam sofre mudanças ao longo do tempo.

Durante muito tempo, eles foram privilegiados, porque eram vistos como elite social, porque só da elite social econômica saíam aqueles que iam se escolarizar, aqueles que iam formar a classe dos governantes, dos intelectuais, dos políticos. Isso mudou com o tempo e hoje há uma absoluta vergonha de ser bom aluno. Os bons alunos se envergonham de tirar notas altas. Hoje, os superdotados continuam na escola, mas não têm mais o status que tinham e mudaram a maneira de se apresentar socialmente, buscando outras competências, outras habilidades e não mais a nota dez em matemática ou em português. (DELOU, 2014, p.20)

Alunos com altas habilidades/superdotação podem ser trabalhosos para os professores, pois podem ter ritmos de aprendizagem diferente dos demais. Precisam ser motivados, valorizados e mantidos interessados, principalmente em escolas de classes populares, pois tendem a abandonar a escola por volta dos doze anos. Se não são adequadamente trabalhados acabam “sendo cooptados pelo desvio social, pela marginalidade, pelo tráfico de drogas.” (DELOU, 2014 p.21)

Muitos talentos continuam não sendo estimulados a desenvolver seu potencial, mantendo-se à margem do processo educacional. Para garantir o Atendimento Educacional Especializado (AEE) é preciso que o aluno seja identificado, tornando-se visível, para que, só então, possa receber orientações e condições que permitam e estimulem o desenvolvimento de seu talento. (BORBA, 2015 p.5)

Segundo Aranha (2005), “uma criança com mente rápida e curiosa pode ter que suportar muito tédio em uma sala de aula regular.” Sem um projeto voltado para eles, iniciam os estudos com entusiasmo, mas rapidamente ficam entediados por falta de desafios e estímulos.

Isto pode ter várias consequências, pois aprender a tolerar o tédio pode se tornar um “hábito mal adaptativo e desmoralizante”, por isso alguns recorrem aos devaneios ou provocam desordem na sala. Estes alunos podem também passar a não prestar muita atenção ao que é falado pelo professor, assim como não desenvolverem o hábito de estudo, pela facilidade que encontram em executar as tarefas, e mais tarde, quando se deparam com trabalho escolar mais difícil, demonstram incapacidade de se organizar para um trabalho independente, e acabam por ter baixo rendimento.

Estes alunos podem, na tentativa de serem aceitos e se misturarem com os outros, passar a esconder e dissimular os seus talentos. Quem age desta maneira não percebe seu talento como algo que seja bom ter, pois precisa escondê-lo. Isto vai conseqüentemente afetando sua autoestima.

Se a escola não valoriza este aluno, ela afeta diretamente a autoestima dele, o seu bem-estar psíquico. Estamos vendo uma evasão de alunos muito inteligentes nas escolas das classes populares, por volta dos 12 anos de idade, porque eles estão sendo cooptados pelo desvio social, pela marginalidade, pelo tráfico de drogas. (DELOU *apud*. LEHMANN, 2014)

Landau (1990) afirma que “a ação do meio é importantíssima” no desenvolvimento do talento, embora este seja um termo relativo que sempre vai se remeter a um referencial, já é possível se identificar talentos que não puderam ser desenvolvidos por razões socioeconômicas. Considera que há uma potencialidade latente nos talentos advindos de classes desprivilegiadas. Estas crianças precisam de estímulos especiais, não só para trabalhar o que é “manifesto”, mas estimular o que está “latente”, uma vez que há uma combinação de “baixa renda, tamanho de família e baixo nível de instrução dos pais”, fazendo desta criança um ser “culturalmente menos privilegiado”. Por mais capaz que esta criança se mostre, ainda fica aquém se comparada aos talentos de classes mais favorecidas, no entanto, isto se dá em consequência daqueles fatores. Por isso, é preciso ser estimulada, também, a parte latente do talento.

Ignorados eles são. Seus caminhos por vezes desembocam em atuações destrutivas e anti-sociais. Assim, não é de espantar que uns poucos superdotados, oriundos de grupos desfavorecidos socialmente, se achem em programas voltados a talentosos e tantos outros se encontrem alojados em prisões. (LANDAU, 1990 p.30)

Portanto, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de identificação e o desenvolvimento dos superdotados em nosso meio social, principalmente nas escolas públicas que atendem às classes populares, que praticamente excluem os mais capazes quando tornam seus estudos enfadonhos, sem desafios. É preciso que estas crianças adotem valores construtivos ou ao serem excluídos “correrão o

risco de usar a inteligência para fins destrutivos ou marginais, o que geralmente ocorre”. (LANDAU, 1990; MATTOS, 2012; CAMARGO, 2017)

1.4 ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS

Apesar da importância da definição de termos, esta discussão não pode ser empecilho para se identificar as altas habilidades/superdotação.

Para além do desconhecimento do assunto, vários mitos interferem na identificação dos portadores de altas habilidades e superdotação, como a crença que são fenômenos raros, que os superdotados são sempre ótimos alunos e têm futuro brilhante.

“Em 2014, 13.308 crianças foram identificadas como superdotadas nas escolas públicas e privadas do Brasil (apenas na educação básica).”(BAIO, 2016) Segundo especialistas o número embora maior do que do ano de 2000 (758) ainda é pequeno, pois a estimativa “segundo pesquisas da APAHSD (Associação Paulista para Altas Habilidades/Superdotação), é de 10% da população, em média” terem algum tipo de inteligência excepcional em campos como artes, esporte, músicas e não só em disciplinas escolares, como português, matemática, história e outras.

Antipoff e Campos (2010) afirmam que “é até comum encontrar superdotados numa determinada área, que apresentam dificuldades e até distúrbio de aprendizagem em outras”, sendo assim, nosso olhar se volta para a dificuldade primeiro, já que em nosso sistema inclusivo tem sido dado ênfase às dificuldades.

Também frequente é a posição, defendida inclusive por professores e gestores de instituições educacionais, de que seria absurdo investir em programas para alunos com altas habilidades/superdotação, quando existe um largo contingente de alunos com necessidades especiais relacionadas a distúrbios e deficiências diversas, que permanece sem um atendimento especializado no país. (ALENCAR, 2007 p.18)

“Ser superdotado não é sinônimo de sucesso.” (BAIO, 2016) Fatores ambientais podem ser determinantes para o superdotado, pois se não houver estímulos pela família e escola, se não for reconhecido e direcionado para

desenvolver e fortalecer seus talentos, ele facilmente pode buscar desafios em atividades e áreas diversas, inclusive na ilegalidade.

Outros mitos também podem dificultar a identificação dos portadores de altas habilidades e superdotação. A crença de que os superdotados têm elevado Q.I. é um equívoco, segundo Pérez (2003) “os escores nos testes padronizados de Q.I. não são indicadores absolutos de altas habilidades.” Os testes de Q.I. medem áreas específicas como linguística, lógico-matemática e espacial.

O mito citado no Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Superdotação e Talento (BRASIL, 1999), “as pessoas com altas habilidades provêm de classes socioeconômicas privilegiadas” é equivocado e preconceituoso. Como afirma Antipoff (1992), pesquisadores verificam que “mesmo nas camadas menos privilegiadas socioeconomicamente, é possível e frequente encontrar crianças brilhantes em alguma área da inteligência”, porém é necessário que exista a identificação e o estímulo o mais cedo possível para que estas crianças possam desenvolver seus talentos de maneira adequada.

Os alunos com altas habilidades e superdotação também, por vezes, não são identificados, porque fogem ao estereótipo e se disfarçam, tornando-se invisíveis para não serem vistos como diferentes.

Por fim, alunos que são “suspeitos” de serem superdotados, quando vistos causam dificuldades, despertam medos, pois os professores não sabem o que fazer. “O aluno com AH/SD produtivo-criativo, que, como **fantasminha camarada**, vai à escola, é, ao mesmo tempo, presente e invisível, e, tal qual Gasparzinho, quando visível, assusta professores e colegas, que não sabem como proceder com este sujeito diferente.” (PÉREZ, 2004, p.19)

A precocidade é um fenômeno que vem sendo relacionado às altas habilidades, mas ainda pouco estudado nacionalmente. (MARTINS, CHACON, 2016). Se caracteriza pela prematuridade em que habilidades específicas se desenvolvem, em qualquer área do conhecimento. A precocidade não pode ser considerada superdotação sem que seja acompanhado o desenvolvimento da criança. (VIRGOLIM, 2007)

No entanto, Winner (1996) afirma que crianças superdotadas são precoces. “Elas progredem mais rápido em uma determinada área do conhecimento”, em idade inferior à média das outras crianças. Considera a precocidade uma das três características principais dos superdotados. As outras duas são: a insistência em caminharem no seu próprio ritmo e “uma sede enorme de conhecimentos”.

A precocidade é um assunto que ainda precisa ser bastante pesquisado. Muitos fatores vão interferir na vida da criança que se apresenta precoce em alguma habilidade, principalmente fatores ambientais. Seu desenvolvimento será facilitado se tiver um ambiente educacional enriquecido.

Como a escola lida com as AH/SD pode ser um fator determinante para o desenvolvimento adequado ou não do aluno. É preciso que ocorra a identificação do aluno habilidoso já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que a escola possa ser este ambiente educacional enriquecido, que vai facilitar seu desenvolvimento.

Os professores precisam estar atentos às características que vão ajudar a identificar os alunos com AH/SD.

A literatura na área é abundante nas listagens de características das crianças superdotadas. Embora os autores difiram na forma que abordam as altas habilidades/superdotação, algumas características são comuns a todos eles. (VIRGOLIM, 2007 p.43)

A precocidade na leitura e escrita está entre uma das características mais facilmente observáveis na escola. Algumas outras características são:

- tirar notas boas
- apresentar grande vocabulário
- aprender com rapidez
- necessitar de pouca repetição
- ter boa memória
- apresentar longos períodos de concentração

- ser perseverante
- ler por prazer
- ter paixão em aprender
- revelar intenso perfeccionismo
- pensar por analogias
- ser criativo e original
- demonstrar diversidade de interesses
- gostar de brincar com as ideias
- não ligar para convenções
- ser sensível a detalhes
- procurar novas formas de fazer as coisas
- ser produtor de conhecimento
- encontrar ordem no caos
- apresentar preocupação moral em idades precoces
- frequentemente questionar regras/autoridade
- demonstrar sensibilidade/empatia
- demonstrar capacidade de reflexão
- apresentar senso agudo de justiça
- aprender facilmente novas línguas
- demonstrar habilidade nas artes (música, teatro, desenho, dança)
- ficar entediado com o trabalho rotineiro da sala de aula
- corrigir colegas e adultos se perceber informações incorretas

As nossas escolas recusam-se, frequentemente, a modificar os currículos para casos tão “extremos” e insistem em que tais crianças se devem adaptar aos programas existentes. (WINNER, 1996)

Os alunos com altas habilidades/superdotação têm direito ao atendimento em sala de recursos, precisam de currículos enriquecidos e seus familiares precisam receber orientações também.

Os alunos com altas habilidades necessitam de serviços educacionais diferenciados que possam promover seu desenvolvimento acadêmico, artístico, psicomotor e social, o que inclui métodos de ensino adaptados às suas necessidades especiais. (VIRGOLIM, 2007, p.66)

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Criar uma Campanha de Divulgação sobre as Altas Habilidades/ Superdotação para ser veiculada nas escolas, com vistas à informação de professores sobre os direitos de tais alunos como público-alvo da Educação Especial e o Cadastro Nacional de registro de alunos.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

.

Identificar os níveis de conhecimento dos professores acerca do assunto altas habilidades/superdotação.

Perceber o que falta na formação dos professores a este respeito.

Levantar características que despertem o olhar dos professores para o tema.

Elaborar material da Campanha de Divulgação.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 CAMPO E SUJEITOS

O campo escolhido foi uma escola de Ensino Fundamental, que atende aos primeiros anos de escolaridade 1º e 2º ciclos (primeiro ao quinto ano), da rede municipal de Niterói, localizada em São Francisco. A escola conta com onze salas e atende uma média de quinhentos alunos, em dois turnos (manhã e tarde). É um prédio de estrutura vertical, com três andares. Possui também um refeitório, uma sala de recursos multifuncionais, uma sala de leitura, um laboratório de informática, uma quadra e um pátio cobertos, secretaria e sala de professores separadas.

O papel mediador das diretoras da escola foi fundamental para que a pesquisa fosse realizada, por serem pessoas que acreditam na Educação, valorizam o trabalho dos profissionais, se preocupam com a qualidade do trabalho feito, e por isso se empenham em contribuir para a formação dos professores que atuam sob sua gestão.

A pesquisa foi feita com os professores, regentes do primeiro segmento do ensino Fundamental desta escola, num total de 26 regentes através de um questionário (APÊNDICE A), elaborado na ferramenta Google Forms, que permite o compartilhamento através de redes sociais.

Este questionário foi compartilhado pelo WhatsApp, no grupo de funcionários da escola, sendo respondido pelas professoras que se dispuseram a fazê-lo, num total de 12 respostas, constituindo, portanto, uma amostra de conveniência, na qual os indivíduos empregados na pesquisa estão disponíveis e fazem parte de um critério apenas. Segundo Oliveira (2001) “esse procedimento consiste em simplesmente contatar unidades convenientes da amostragem”, o que torna a pesquisa mais simples, econômica e rápida. Os resultados conferem informações sobre tendências.

3.2 MÉTODO

A abordagem teórico-metodológica foi da pesquisa-intervenção “como uma investigação participativa que busca a interferência coletiva na produção de micropolíticas de transformação social.” (AGUIAR, 2007). O pesquisador está no campo da pesquisa, e seus questionamentos provocam reflexão, e possíveis mudanças, a partir do conhecimento construído.

Esta pesquisa traz a análise do conhecimento existente, e enquanto propõe “atuação (trans)formadora” rompendo e ampliando “as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas”.

Alinhando-se com a visão de transformação da realidade, há o comprometimento do pesquisador na ação de transformação social podendo esse se colocar de várias maneiras (Monceau, 2005): como acolhimento de sua própria contribuição na dinâmica social que estuda, como comprometimento com objetivos e demandas do grupo, ou com objetivos que o pesquisador leva para o campo de análise. (CASTRO, 2008, p.29)

Assim ao questionar sobre as altas habilidades/superdotação uma reflexão foi feita, pelos participantes, em relação ao tema.

Com o objetivo de saber a realidade do conhecimento dos professores em relação ao assunto foi aplicado o questionário, e a partir da análise de respostas foi elaborada uma Campanha de Divulgação sobre Altas Habilidades/Superdotação para despertar a curiosidade dos professores sobre as questões relativas às altas habilidades, e informá-los onde buscar o conhecimento necessário para identificação de alunos superdotados, que apesar de estarem em suas salas de aula, estão invisíveis, pois dependem da mudança no olhar do professor, para torná-los visíveis.

Para que ao dar visibilidade e devido atendimento, garantido por lei, a estes alunos, eles possam fazer a diferença na sociedade do amanhã, operando efetivamente uma transformação social.

Participaram da pesquisa 12 professores atuantes no primeiro segmento do Ensino Fundamental.

3.3 MATERIAL

Para o levantamento de dados foi aplicado um questionário aos professores (APÊNDICE A) com perguntas sobre seus conhecimentos a cerca do tema Altas Habilidades/Superdotação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi respondido por 12 professores que trabalham com o primeiro segmento do Ensino Fundamental, segue a análise das respostas.

4.1 – COMO SE CARACTERIZAM OS PROFESSORES PESQUISADOS

Os professores que responderam ao questionário em sua maioria estão acima dos 30 anos de idade.

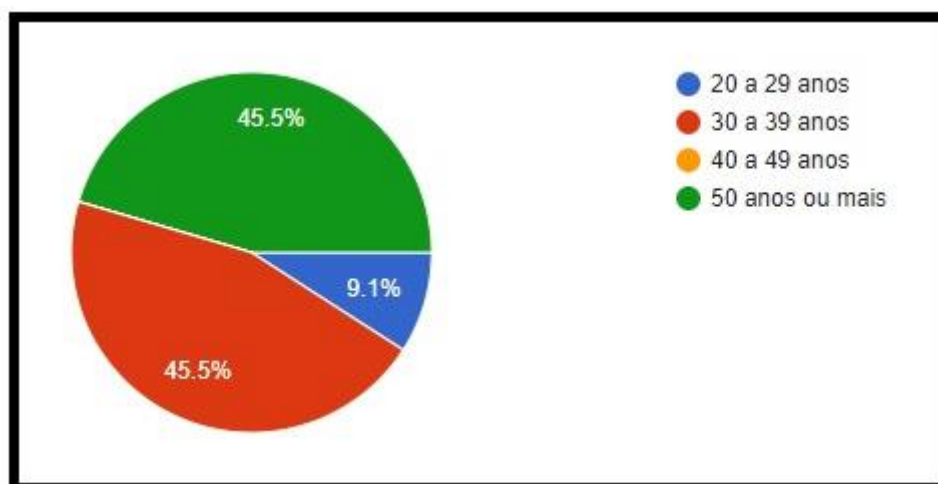


Figura 2 – Idade dos professores

Do total de respostas, 75% já trabalham como professor há mais de seis anos, sendo que 25% tem mais de 21 anos de tempo de atuação no magistério, portanto pode-se considerar um corpo docente experiente.

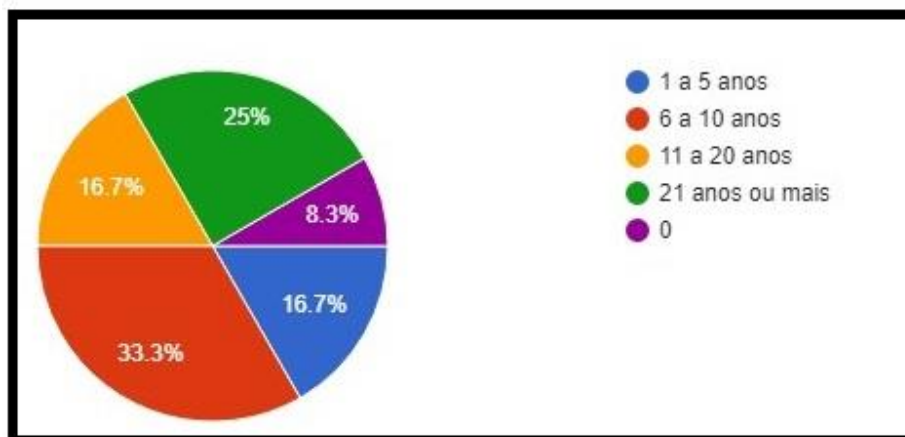


Figura 3 – Tempo de trabalho como professor

Quanto à formação acadêmica, nenhum professor tem apenas o ensino médio, sendo que 54,5% possui nível superior e 45,5% já são pós-graduados. Observa-se o crescimento no nível de escolaridade dos professores.

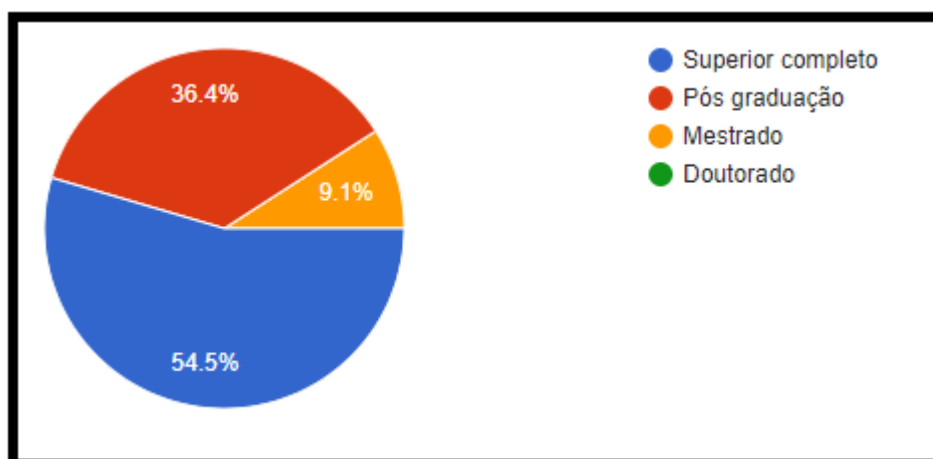


Figura 4 – Grau de escolaridade

4.2- COMO OS PROFESSORES VEEM AS AH/SD

Todos os participantes sabem que as altas habilidades/superdotação são público alvo da Educação Especial, ficando implícito o conhecimento que estes alunos precisam de identificação e têm os mesmos direitos dos seus colegas, inclusive devem ser eleitos para o AEE (Atendimento Educacional Especializado).

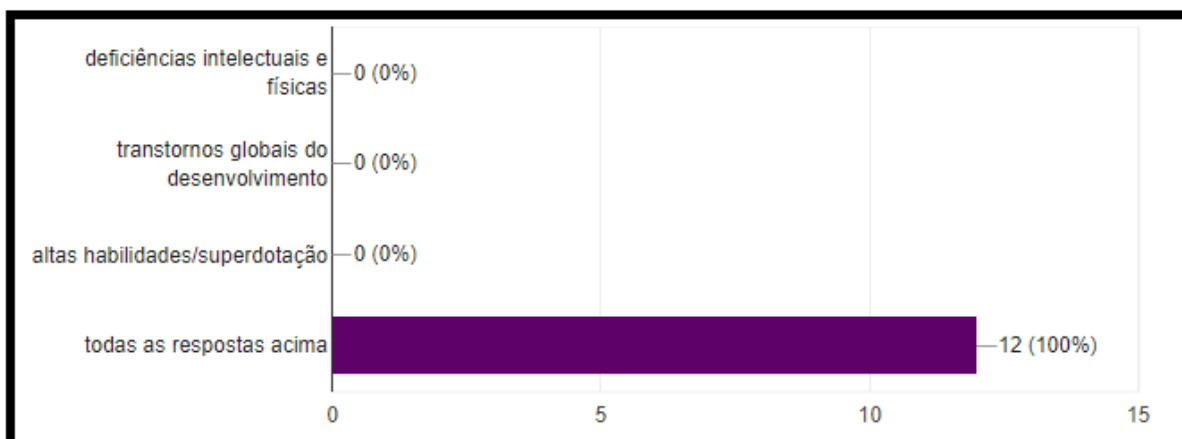


Figura 5 – O que pertence à Educação Especial

Menos de 10% dos professores não se considera preparado para identificar um aluno com altas habilidades/superdotação, a maioria (66,7%) tem dúvidas se teve ou não estes alunos, e 25% tem certeza que nunca teve um aluno com altas habilidades/superdotação em sala. Sendo um corpo docente considerado experiente, e considerando-se o percentual presumido da incidência do fenômeno, pode-se dizer que há interferência de fatores que precisam ser detectados, impedindo a identificação destes alunos, pois dos professores pesquisados 25% têm mais de 21 anos de magistério e 25% afirmam não ter tido alunos com altas habilidades/superdotação.

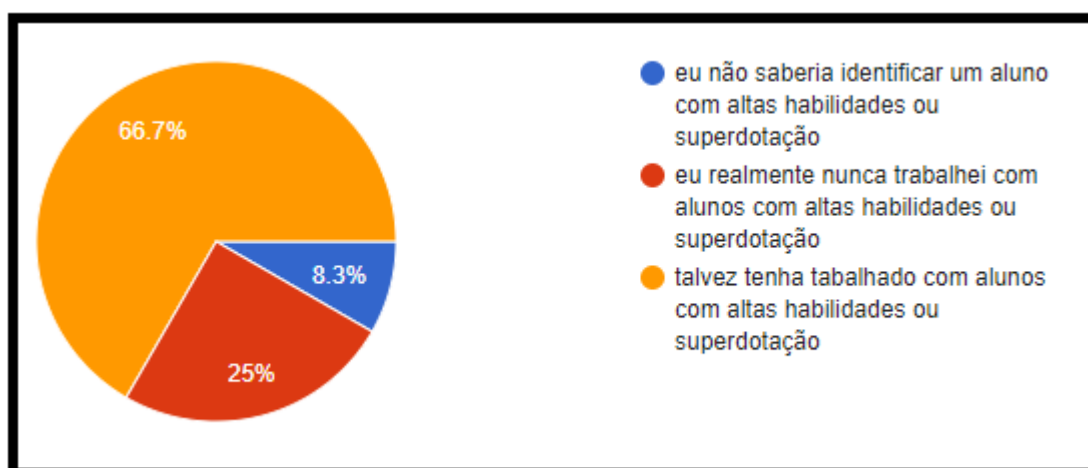


Figura 6 – Sobre as altas habilidades

Dos professores pesquisados 58,3% afirmam ter tido alunos com altas habilidades/superdotação em suas salas de aula, mas ainda um grande percentual (41,7%) afirma não ter tido esta experiência ou não saber se teve. Pode ser por falta de informação a respeito das características, não as reconhecendo.

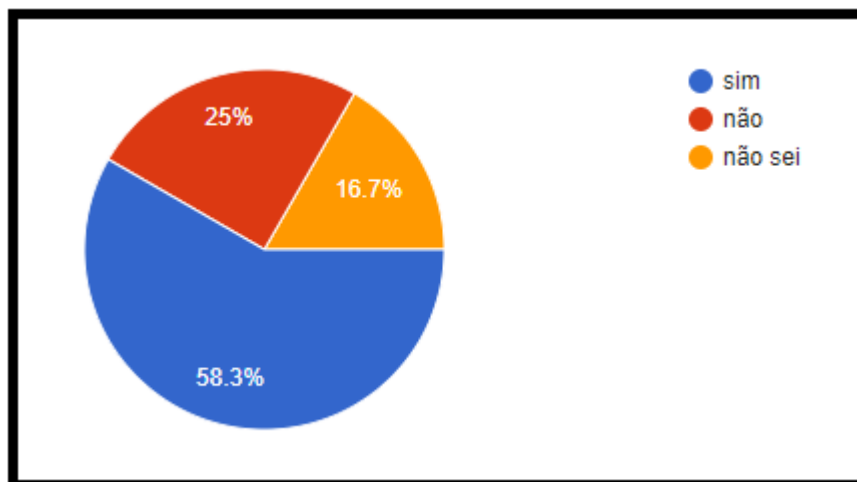


Figura 7- Alunos com altas habilidades em sala

Mais de 60% dos participantes da pesquisa responderam que tiveram entre 1 a 5 alunos habilidosos ou superdotados durante sua vida profissional, e que os identificaram através de algum talento específico, mas os encaminhamentos feitos foram apenas uma conversa com os familiares.

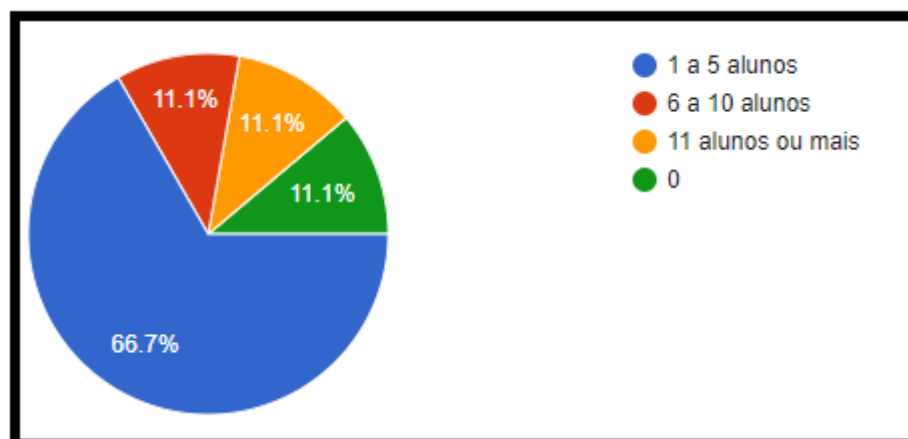


Figura 8 - Quantidade de alunos com altas habilidades que trabalhou

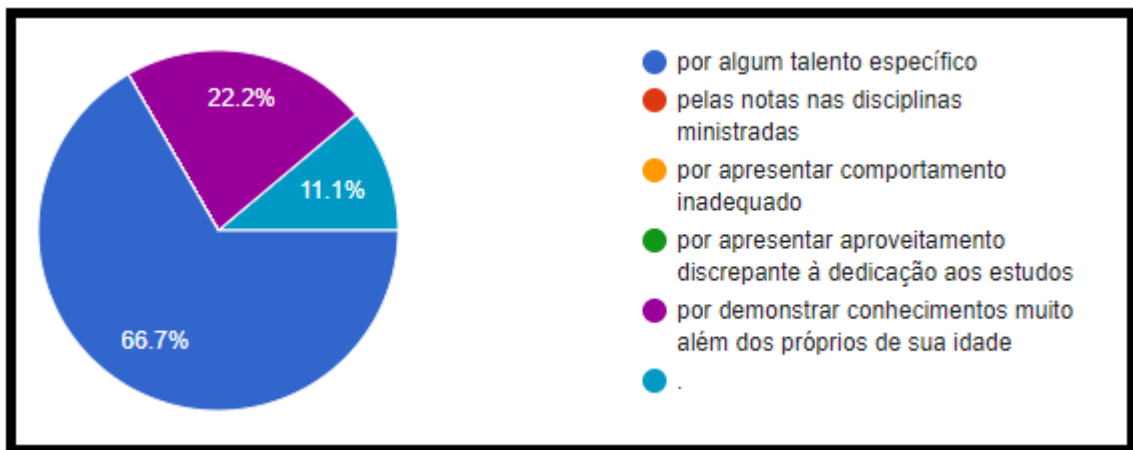


Figura 9- Como foram identificados

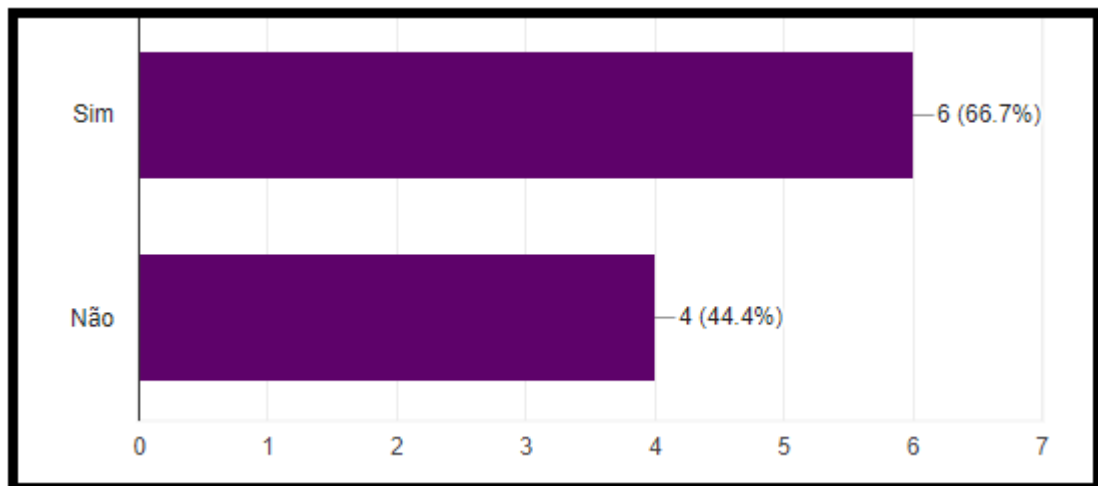


Figura 10 – Houve encaminhamento

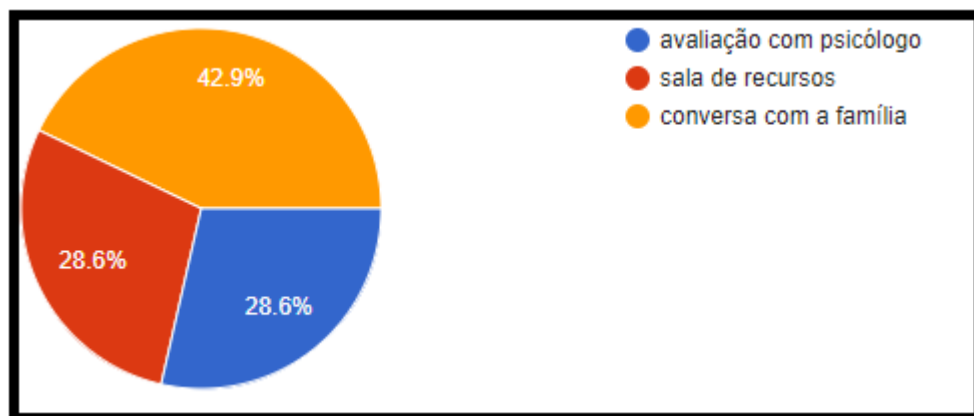


Figura 11- Como foi encaminhado

Sobre as características observadas pode-se dizer que 66,7% dos educadores pesquisados identifica que alunos com altas habilidades podem ser inquietos e inconvenientes, enquanto 58,3% consideram que podem aprender com rapidez e facilidade, e sabem defender suas ideias e pontos de vista. Importante ressaltar que alguns mitos como ser excelente aluno em tudo, não precisar de ajuda, ter a certeza do sucesso e estar restrito às escolas particulares, já estão desacreditados, pois não houve nenhuma resposta positiva.

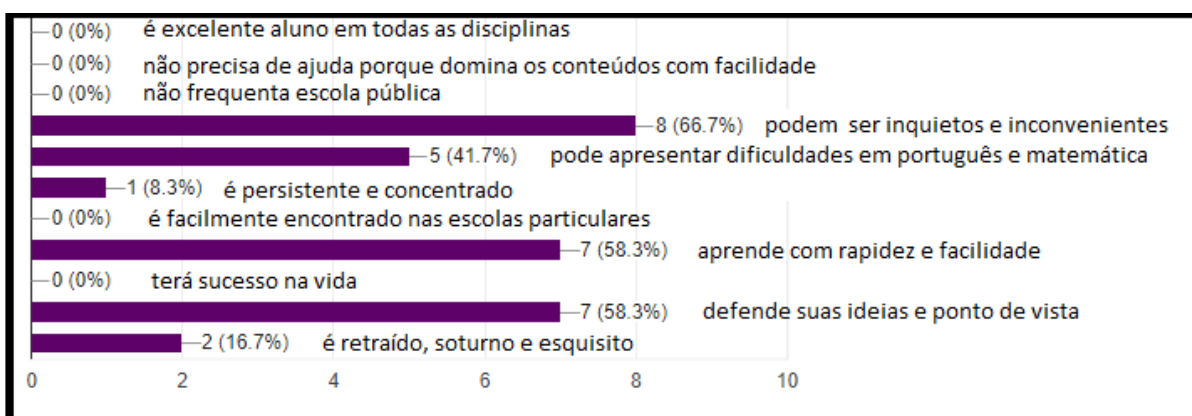


Figura 12- Características observadas

O questionário teve três perguntas abertas que foram analisadas a partir do recurso gráfico da nuvem de palavras, usado para indicar os termos mais frequentes de um texto, no qual o tamanho da fonte em que a palavra é apresentada indica a frequência que a palavra aparece no texto.

9- Como define altas habilidades? 12 respostas

- .
- A pessoal com ótimo desempenho e grande potencialidade.
- Uma condição, talento, na qual o indivíduo se destaca. Pode ser artística, manual, corporal, linguística, na matemática, nas relações sociais, no conhecimento com a computação.
- Interesse muito grande por determinado assunto.
- Aquele que apresenta talento específico
- NÃO sei explicar
- Pessoas que possuem habilidades nas áreas que envolve criatividade e liderança.
- Um talento acima da média pra alguma coisa
- Um aluno com conhecimentos acima da educação básica e pessoas ao seu redor!
- São pessoas que possuem desempenho acima da média em aspectos isolados ou combinados, como: aptidão acadêmica específica, pensamento criativo, talento para as artes em geral, capacidade psicomotora, entre outros.
- Pessoa que apresenta notável potencial.
- Pessoa com facilidade de apreender determinado assunto

Figura 13- Respostas dadas à pergunta aberta nº9

talento Pessoas acima Pes
soa apresenta assunto desempenho det
erminado grande média possuem A Aquele
Interesse NÃO Pode São acadêmica alguma aluno

Figura 14 – Nuvem de palavras das respostas dadas à pergunta aberta nº9

Altas habilidades é definida como talento e a referência é a “pessoas”, podendo indicar que está mais relacionada ao mundo em geral, não especificamente ao ambiente escolar, ao aluno.

10- Como define superdotação? 10 respostas

Seria uma capacidade, uma habilidade acima da média.

Não sei explicar

O aluno que atende todas as expectativas

Idem

Pessoas com alto nível de inteligência.

Talento especial específico em determinada área

Uma pessoa que está além dos conhecimentos específicos da educação básica. É um aluno com conhecimentos específicos na sua área de interesse.

Idem resposta anterior.

Pessoa que apresenta notável desempenho.

Facilidade no aprendizado

Figura 15- Respostas dadas à pergunta aberta nº 10

Idem aluno conheci
mentos específicos p
essoa área Facilidade Não Pes
soas Seria Talento acima alto além ante
rior aprendizado apresenta atende bási
ca capacidade

Figura 16 – Nuvem de palavras das respostas dadas à pergunta aberta nº10

A palavra idem como destaque já denota um conhecimento dos professores pesquisados da equivalência dos termos altas habilidades/superdotação.

11- O que gostaria de saber sobre as altas habilidades?¹² responses

Saber identificar com mais precisão e as estratégias de trabalho para esses alunos.

Ter condições de avaliar melhor.

Como identificar

Com que idade o aluno apresenta altas habilidades?

Como identificar o aluno

Como identificar e ajudar alunos com altas habilidades.

Como identificar? Existe teste específico que possamos realizar em nossas escolas?

Como trabalhar na questão da interação!

Como trabalhar a altas habilidades em crianças autistas, ou seja, quando possuem dupla excepcionalidade.

Tudo

Como identificar

Figura 17 – Respostas dadas à pergunta aberta nº11

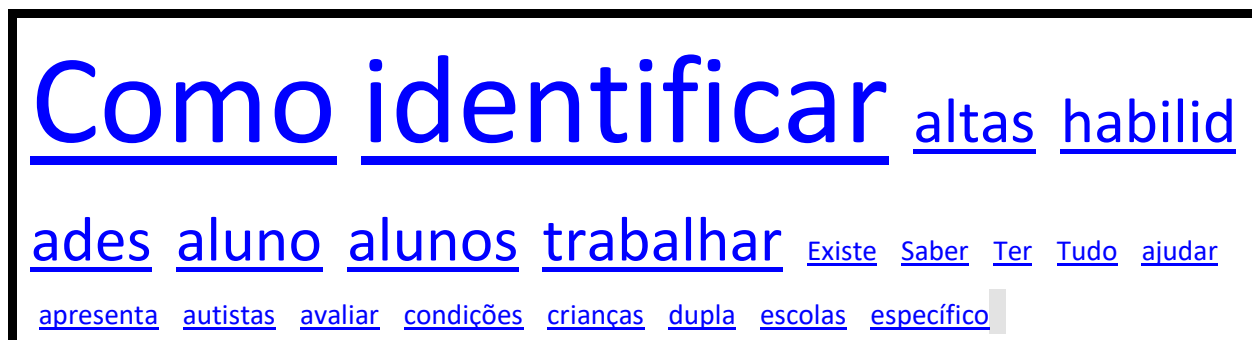


Figura 18 – Nuvem de palavras das respostas dadas à pergunta aberta nº 11

Nesta resposta fica evidente que a identificação das altas habilidades em alunos é a maior dificuldade que o professor encontra em relação ao tema estudado.

4.3- CAMPANHA DE DIVULGAÇÃO DO TEMA AH/SD PARA PROFESSORES

Como resultado desta pesquisa foi elaborada uma Campanha de divulgação das Altas Habilidades/Superdotação (APÊNDICE B) dirigida especialmente ao professor que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O material desta Campanha está constituído por um banner, que deverá ficar exposto em lugar visível, por onde passam todos os professores na escola. As outras peças para divulgação do tema foram pensadas a partir da possibilidade de estar sempre próximo do professor. Sendo assim, foi elaborado um marcador de páginas, pois professores estão sempre cercados de livros. O bloco de anotações, caneta e pasta para papéis, são materiais do dia a dia do professor. Um folheto com algumas “dicas” do que pode ser observado, para que se inicie um estudo sobre o tema, ou mesmo uma avaliação, contemplando assim o que foi apurado pela pesquisa, que é a vontade dos professores participantes de saber como identificar as altas habilidades/superdotação em seus alunos.

Todo o material traz um endereço eletrônico (www.sobrealtahabilidades.blogspot.com), o qual foi criado para reunir informações sobre o tema (APÊNDICE C). No blog estão vários vídeos de entrevista sobre altas habilidades com a participação da Professora Dra. Cristina Delou, a literatura do

portal do MEC sobre o tema, os vídeos da Psicopedagoga Mônica Ferreira, a Lista Base de Indicadores de Superdotação, e endereço de outros blogs e sites relacionados ao assunto. Este blog tem como objetivo reunir fontes fidedignas para a informação dos professores e poderá ser realimentado posteriormente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1. CONCLUSÃO

A ideia inicial era fazer uma reflexão sobre o olhar dos professores para entender porque os alunos com altas habilidades/superdotação não são identificados, embora sempre tenham estado dentro da escola, diferentemente do aluno com deficiência.

O aluno deficiente, que não frequentava escola, em um determinado momento da história, quando a escola se torna para todos, é acolhido por esta, que passa a se preocupar e tentar dar conta deste indivíduo, mesmo porque há uma questão legal que vai assegurar que este movimento seja feito.

Mas o aluno com altas habilidades, que sempre esteve na escola, continua passando por ela desapercibidamente. Os professores parecem não notar estes indivíduos. Apesar de também haver uma legislação que os define e que os contempla com o atendimento educacional especializado, continuam sendo tratados como se não existissem.

As escolas de um modo geral, e particularmente a que participou da pesquisa não têm alunos identificados com altas habilidades/superdotação. Há um percentual de incidência reconhecido a nível mundial e, no entanto, estes alunos não aparecem nas estatísticas do município de Niterói.

Saber o porque desta invisibilidade aos olhos do professor foi a questão motriz desta pesquisa. Foi preciso olhar para a formação que este profissional vem recebendo histórica e atualmente, e neste sentido se constata que não há uma formação adequada, que realmente prepare o professor para a prática na escola. Muitos fatores interferem nisto, mas é fato que em muitos cursos não há menção às altas habilidades/superdotação.

O objetivo deste trabalho foi montar uma Campanha que desperte este olhar do professor para o tema das altas habilidades/superdotação, para que ele busque conhecimento e aprenda a identificar em seus alunos as altas habilidades/superdotação.

5.2 PERSPECTIVAS

As perspectivas em relação à Campanha elaborada, é que seja apresentada na escola onde foi aplicada a pesquisa, desperte o interesse dos professores para que passem a olhar seus alunos com atenção, e talvez descobrir as altas habilidades/superdotação.

É um produto que pode ser apresentado em várias escolas, e quanto mais conseguirmos espalhar o interesse pelo tema, mais será possível a identificação dos habilidosos.

As escolas municipais de Niterói precisam criar a demanda para que se viabilize uma política pública municipal de atendimento aos superdotados.

O material construído contém informações rápidas e importantes para que o professor tenha sempre à mão, seja de fácil entendimento, seja esclarecedor a ponto de despertar o interesse e o olhar mais atento dos regentes em relação as altas habilidades e superdotação, para que possam identificá-las em seus alunos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Katia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes da. **Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise.** Brasília, v. 27, n. 4, p.648-663, dez.2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007001200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 maio 2017

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. **Indivíduos com Altas Habilidades/ Superdotação: Clarificando Conceitos, Desfazendo Ideias Errôneas.** In: FLEITH, Denise de Souza (org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores / Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. ANTIPOFF, Cecília Andrade; CAMPOS, RH de F. Superdotação e seus mitos. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 14, n. 2, p. 301-309, 2010

ANTIPOFF, Helena. **A educação do bem-dotado.** Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1992, 110 p. Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff.

ARANHA, M. S. F. (Org.). **Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos com altas habilidades/superdotação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. 143 p. (Coleção Saberes e Práticas da Inclusão).

BAIO, Cintia. **Superdotados são bons em tudo? Conheça oito mitos e verdades.** Colaboração para o UOL, em São Paulo 08/04/2016 Fonte: <http://educacao.uol.com.br/listas/superdotados-sao-bons-em-tudo-conheca-oito-mitos-everdades.htm> - Acesso em outubro de 2016.

BAUER, Adriana; CASSETTARI, Nathalia; OLIVEIRA, Romualdo Portela. Políticas docentes e qualidade da educação: uma revisão da literatura e indicações de política. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.25, n. 97, p. 943-970, out/dez. 2017. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362017002501010>

BAPTISTA, Mariana de Barros, LEHMANN, Lucia de Mello e Souza. **Altas habilidades ou superdotação: conceitos em construção**. IN: LIMA, Neuza Rejane Wille, DELOU, Cristina Maria Carvalho (org). Pontos de Vista em Diversidade e Inclusão. Niterói, RJ: ABIDin, 2016.

BORBA, Renata S. Teixeira, LEHMANN, Lucia de Mello e Souza. **O Esconde-Esconde das Altas Habilidades na Educação Brasileira**. IN: LIMA, Neuza Rejane Wille, DELOU, Cristina Maria Carvalho (org). Pontos de Vista em Diversidade e Inclusão. Niterói, RJ: ABIDin, 2016.

Altas Habilidades ou Superdotação: visíveis ou invisíveis na Educação? Dissertação de Mestrado em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói, RJ, 2015.

BRANCHER, Vantoir Roberto, FREITAS, Soraia Napoleão (org) **Altas Habilidades/Superdotação: Conversas e ensaios acadêmicos**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2011.

BRASIL. Lei 5692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1 - 12/8/1971, Página 6377 (Publicação Original) Acesso em Maio de 2018.

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>

BRASIL. Resolução nº4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17. http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: superdotação e talento** vol. 1 fascículos V - VI - VII / Leila Magalhães Santos (coordenadora). Natalícia Pacheco de Lacerda Gaioso, colaboração Vera Lúcia Palmeira Pereira. Brasília: Ministério da Educação, 1999. 242 p. (Série Atualidades Pedagógicas)

BRASIL, Secretaria de Educação Especial **Saberes e práticas da inclusão : desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação**. [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. - Brasília : MEC, 2006. 143 p. (Série : Saberes e práticas da inclusão) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>

CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. **Ciências e educação**. Bauru , v. 23, n. 1, p. 1-6, Mar. 2017 .Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000100001&lng=en&nrm=iso>. access on 16 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-7313201700010001>.

CASTRO, L. Rabello de. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. Em L. R. de Castro e V. L. Besset (orgs.), **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**, págs. 21-42. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2008.

DELOU, Cristina M. Carvalho. **Altas habilidades**. In: MAIA, HEBER (org.). Necessidades Educacionais Especiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. P.63-75 123p (Neuroeducação; v.3)

_____ **O atendimento educacional especializado para alunos com altas habilidades/superdotação no ensino superior: possibilidades e desafios**. In: MOREIRA, Laura Ceretta; STOLTZ, Tania (coord.). **Altas Habilidades/Superdotação, Talento, Dotação e Educação**. Curitiba: Juruá Editora, 2012. P.129-142. 274p.

_____ **O funcionamento do Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (PAAAH/SD-RJ)** Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 | p. 675-688 | set./dez. 2014 Santa Maria Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14323>

_____ **Todas as crianças na escola regular. Políticas de Inclusão**, Rio de Janeiro, UFRJ, Desidades Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude, nº 3, ano 2, jun 2014, páginas 19 – 28. Entrevista a Lucia de Mello e Souza Lehmann.

DOMINGUES, Sérgio. **O conceito de excepcional na obra de Helena Atipoff: diagnóstico, intervenções e suas relações com a educação inclusiva**. Belo Horizonte, MG, UFMG. Dissertação de Mestrado em Educação, Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Helena de Freitas Campos Universidade Federal de Minas Gerais

UFMG, Belo Horizonte, 2011. Disponível em :
http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8MAJ69/conceito_de_excepcional_na_obra_de_helena_antipoff__pdf.pdf?sequence=1 Acesso em Jun 2018

FLEITH, Denise de Souza (org) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**: volume 1: orientação a professores / organização: Denise de Souza Fleith. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 80 p.: il. Color Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004654.pdf>

GADNER, Howard. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GAMA, Maria Clara Sodré S. **Educação de Superdotados: teoria e prática**. São Paulo: EPU, 2006.

GATTI, Bernadete Angelina **O que se percebe é que a questão da docência é sempre relegada como se fosse algo menor** Entrevista às editoras da Cadernos Cenpec | São Paulo | v.4 | n.2 | p.248-275 | dez. 2014 Disponível em:
<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/297/283>
acesso em maio 2018

Formação de professores no Brasil: características e problemas *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010 1359 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em Maio de 2018

LANDAU, Erika. **A coragem de ser superdotado**. Tradução Sandra Miessa, São Paulo, CERED, 1990.162p

LEHMANN, Lucia de Mello e Souza. Todas as crianças na escola regular: políticas de inclusão. **Desidades**, Rio de Janeiro , v. 3, p. 19-28, 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822014000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jun. 2018.

LEHMANN, L. de M. e S.; BORBA, R. T.; SILVA, E. P. **Altas habilidades ou superdotação um fenômeno a conhecer**. Aleph (UFF. Online), v. 21, p. 41-54, jul./2014. Disponível em: www.revistaleph.uff.br/index.php/REVISTALEPH/article/download/47/42

MARTINS, Bárbara Amaral; CHACON, Miguel Claudio Moriel. Características de Altas Habilidades/Superdotação em Aluno Precocoe: um Estudo de Caso. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília , v. 22, n. 2, p. 189-202, June 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000200189&lng=en&nrm=iso>. access on 18 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382216000200004>.

MARTINS, LM., and DUARTE, N., orgs. **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 191 p. ISBN 978-85-7983-103-4. Available from SciELO Books .

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educação em revista**, Curitiba , n. 44, p. 217-233, June 2012 . Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000200014&lng=en&nrm=iso>. access on 16 June 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602012000200014>.

MOREIRA, Laura Ceretta; STOLTZ, Tania (coord.). **Altas Habilidades/Superdotação, Talento, Dotação e Educação**. Curitiba: Juruá Editora, 2012. 274p.

OLIVEIRA, T. M. V. **Amostragem não probabilística**: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. FECAP. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm>. Acesso em: 10 ago 2018.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera **Gasparzinho vai à escola: um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo /** Porto Alegre, 2004. 306 f. : i.

_____. **Mitos e Crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento**. UFSM, Revista do Centro de Educação, Cadernos, nº 22, edição:2003. Disponível em: coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2003/02/a4.htm

_____; FREITAS, Soraia Napoleão. **Políticas públicas para as Altas Habilidades/Superdotação: incluir ainda é preciso**. Revista Educação Especial, Santa Maria, p. 627-640, set. 2014. ISSN 1984-686X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14274>>. Acesso em: 04 mar. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X14274>.

RENZULLI, Joseph. **Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação** Revista Educação Especial, Santa Maria | v. 27 | n. 50 | p. 539- 562 set./dez.. 2014
Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>> Acesso em Nov 2017

SOARES, S R.; CUNHA, M I. **Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade** [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 134 p. ISBN 978-85-232-1198-1.

SOUZA, Cecília Vanessa A. de e DELOU, Cristina M. Carvalho. **Identificação de altas habilidades ou superdotação no censo escolar brasileiro: subnotificação?** In: I Congresso Internacional de Educação Especial e Inclusiva, 13ª Jornada de Educação Especial, 2016. Disponível em: www.fundepe.com/jee2016/cd/arquivos/108841.pdf Acesso em : 16 jan 2017.

TARDIF, Maurice **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério.** Rio de Janeiro In: Revista Brasileira de Educação nº 13, Jan, Fev, Mar, Abr, 2000. Anped, UERJ, p. 5-23

VIANA, Gabriel Menezes. Formação de professores para a Educação Básica: dez anos da LDB. **Educação em revista.** Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 315-320, Aug. 2009. Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000200015&lng=en&nrm=iso>. Access on 14 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982009000200015>.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 70 p.

WINNER, Ellen. **Crianças sobredotadas, mitos e realidade**. Tradução Aurora Narciso Rosa. Portugal: Instituto Piaget Divisão Editorial, Coleção Horizontes Pedagógicos, 1996. 383p.

7. APÊNDICES

7.1 APÊNDICE A

Questionário



Aparência do questionário no whatsapp

Questionário sobre altas habilidades

Convidamos você a participar da Pesquisa **ALTAS HABILIDADES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo sobre o olhar dos professores**, sob a responsabilidade da mestranda Maria das Mercês Palmier Leal.

Sua participação é voluntária e estará contribuindo para entendermos como pensam os professores atuantes nos primeiros anos do ensino fundamental sobre as altas habilidades. Você tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Responda as perguntas que se seguem de acordo com sua percepção, opinião e experiência. Não há resposta certa ou errada.

Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração por participar desta pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada. Para qualquer outra informação, entre em contato com Mercês Leal pelo e-mail: mercesleal@gmail.com ou celular (21) 99911-1090

Agradecemos a sua participação!!

Em que faixa etária você se encontra: *

20 a 29 anos

30 a 39 anos

40 a 49 anos

50 anos ou mais

Questionário sobre altas habilidades

Convidamos você a participar da Pesquisa **ALTAS HABILIDADES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo sobre o olhar dos professores**, sob a responsabilidade da mestranda Maria das Mercês Palmier Leal.

Sua participação é voluntária e estará contribuindo para entendermos como pensam os professores atuantes nos primeiros anos do ensino fundamental sobre as altas habilidades. Você tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Responda as perguntas que se seguem de acordo com sua percepção, opinião e experiência. Não há resposta certa ou errada.

Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração por participar desta pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada. Para qualquer outra informação, entre em contato com Mercês Leal pelo e-mail: mercesleal@gmail.com ou celular (21) 99911-1090

Agradecemos a sua participação!!

Em que faixa etária você se encontra: *

- 20 a 29 anos
- 30 a 39 anos
- 40 a 49 anos
- 50 anos ou mais

Há quanto tempo trabalha como professor(a): *

- 1 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- 11 a 20 anos
- 21 anos ou mais

Grau de escolaridade *

- Superior completo
- Pós graduação
- Mestrado
- Doutorado

Marque a resposta mais adequada

1- Pertencem à Educação Especial: *

- deficiências intelectuais e físicas
- transtornos globais do desenvolvimento
- altas habilidades/superdotação
- todas as respostas acima

2- Em relação às altas habilidades posso afirmar que: *

- eu não saberia identificar um aluno com altas habilidades ou superdotação
- eu realmente nunca trabalhei com alunos com altas habilidades ou superdotação
- talvez tenha tabalhado com alunos com altas habilidades ou superdotação

3- Você tem ou teve aluno com altas habilidades ou superdotado? *

- sim
- não
- não sei

4- Quantos ?

- 1 a 5 alunos
- 6 a 10 alunos
- 11 alunos ou mais

5- Como você o(s) identificou?

- por algum talento específico
- pelas notas nas disciplinas ministradas
- por apresentar comportamento inadequado
- por apresentar aproveitamento discrepante à dedicação aos estudos
- por demonstrar conhecimentos muito além dos próprios de sua idade

6- Você fez algum encaminhamento?

Sim

Não

7- Qual encaminhamento?

avaliação com psicólogo

sala de recursos

conversa com a família

8- Sobre um aluno com altas habilidades ou superdotação é legítimo afirmar: *

é excelente aluno em todas as disciplinas

não precisa de ajuda porque domina os conteúdos com facilidade

não frequenta escola pública

podem ser inquietos e inconvenientes

pode apresentar dificuldades em português ou matemática

é persistente e concentrado

é facilmente encontrado nas escolas particulares

aprende com rapidez e facilidade

terá sucesso na vida

defende suas ideias e pontos de vista

é retraído, solitário e esquisito

9- Como define altas habilidades? *

Your answer

10- Como define superdotação?

Your answer

11- O que gostaria de saber sobre as altas habilidades? *

Your answer



SUBMIT

Page 1 of 1

Never submit passwords through Google Forms.



Altas habilidades

Você pode ter alunos superdotados!

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que **aproximadamente de 3 a 5% da população** se encaixa no perfil de superdotação, apresentando potencial acima da média em áreas do conhecimento humano - intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade - isoladas ou combinadas.

A legislação brasileira prevê a identificação e o atendimento de alunos com altas habilidades/superdotação.

SAIBA MAIS EM:
www.sobrealtahabilidades.blogspot.com



uff Universidade
Federal
Fluminense

2- MARCADOR DE PÁGINAS (FRENTE)



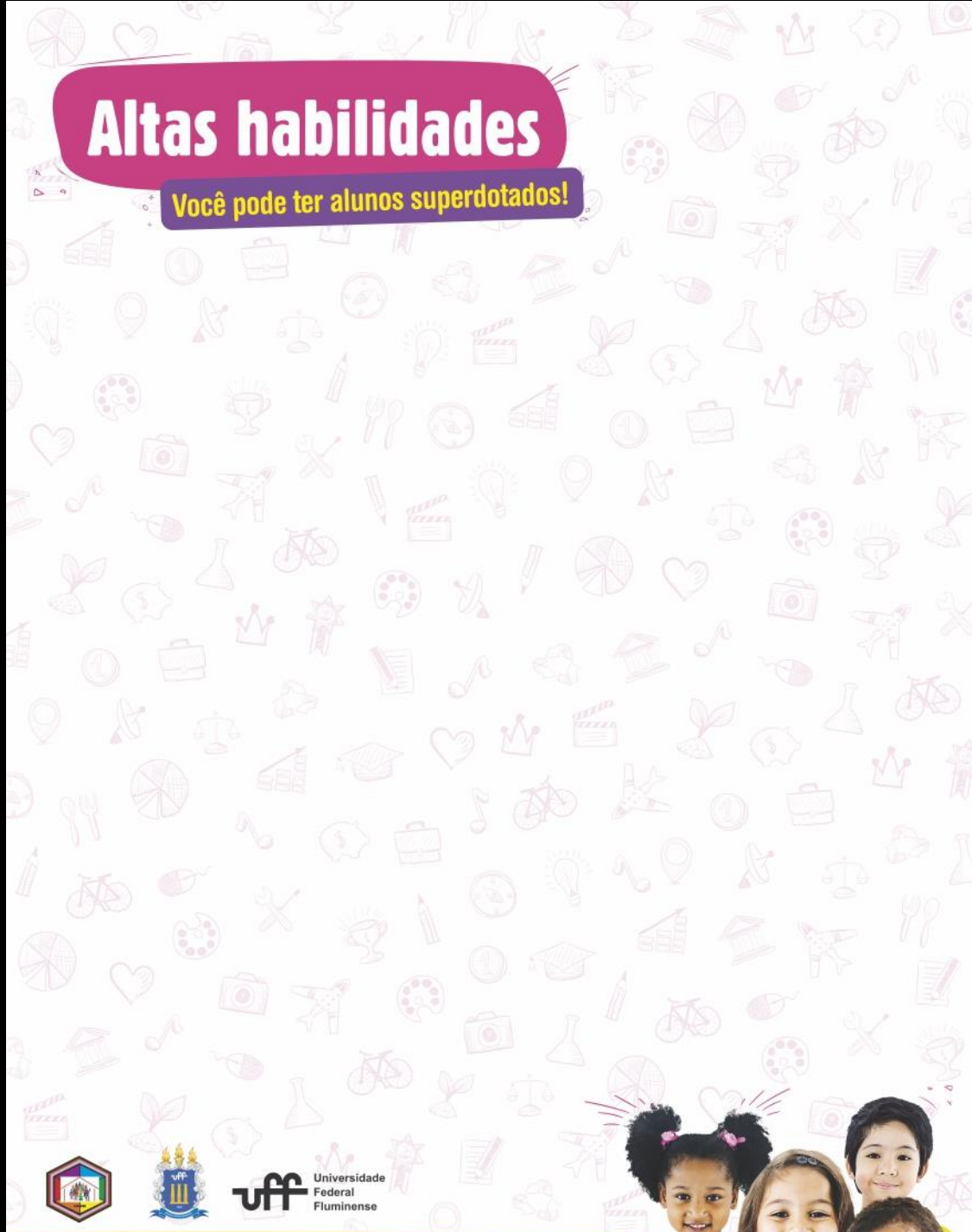
MARCADOR DE PÁGINAS (VERSO)



3- CANETAS




5- BLOCO DE ANOTAÇÕES (A5)




Altas habilidades

Você pode ter alunos superdotados!



Universidade Federal Fluminense



A legislação brasileira prevê a identificação e o atendimento de alunos com altas habilidades/superdotação.

SAIBA MAIS EM www.sobrealtahabilidades.blogspot.com

Altas habilidades

Você pode ter alunos superdotados!

Professor, você é o profissional mais indicado para identificar as altas habilidades/superdotação nos seus alunos!



Você pode ter alunos superdotados!

As Altas Habilidades/Superdotação estão nas salas de aula. O professor pode e deve identificá-las através de observação. Alguns instrumentos podem auxiliar nesta tarefa.

Em geral, além dos conhecimentos acadêmicos formais, também devem ser observadas características como criatividade, liderança, aptidão artística, musical e motora.

10 dicas para iniciar uma investigação

- 1 O aluno mantém e defende suas próprias ideias.
- 2 O aluno demonstra vocabulário avançado para a idade.
- 3 O aluno possui muitas informações sobre um tópico de seu interesse.
- 4 O aluno tem grande aptidão artística.
- 5 O aluno procura perfeição no que faz.
- 6 O aluno tem sempre ideias diferentes.
- 7 O aluno tem grande habilidade motora.
- 8 O aluno demonstra obstinação e persistência quando interessado em um tópico.
- 9 O aluno fica entediado com atividades repetitivas.
- 10 O aluno possui aguçado senso de justiça.

Para saber mais acesse

sobrealtashabilidades.blogspot.com



APÊNDICE C

PPT ANIMADO





A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que **aproximadamente de 3 a 5% da população** se encaixa no perfil de superdotação, apresentando potencial acima da média em áreas do conhecimento humano - intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade - isoladas ou combinadas.



10 dicas para iniciar uma investigação



- 1 O aluno mantém e defende suas próprias ideias.
- 2 O aluno demonstra vocabulário avançado para a idade.
- 3 O aluno possui muitas informações sobre um tópico de seu interesse.
- 4 O aluno tem grande aptidão artística.
- 5 O aluno procura perfeição no que faz.
- 6 O aluno tem sempre ideias diferentes.
- 7 O aluno tem grande habilidade motora.
- 8 O aluno demonstra obstinação e persistência quando interessado em um tópico.
- 9 O aluno fica entediado com atividades repetitivas.
- 10 O aluno possui aguçado senso de justiça.



BLOG



Página inicial - rolagem

